




A AÇÃO EDUCATIVA DO AGENTE ESCOLAR

THE EDUCATIONAL ROLE OF THE SCHOOL AGENT

LA ACCIÓN EDUCATIVA DEL AGENTE ESCOLAR

 <https://doi.org/10.56238/levv16n53-011>

Data de submissão: 02/09/2025

Data de publicação: 02/10/2025

Diogo Lopes da Silva

Graduação em Pedagogia

Instituição: Universidade de Mogi das Cruzes

E-mail: dlopesilva@yahoo.com.br, lopesitalian23@gmail.com

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a principal função da educação escolar constitui-se na transmissão e assimilação do conhecimento científico que no ambiente institucional é realizado coletivamente por diversos sujeitos, concepção essa expressa em vasta literatura educacional. Este trabalho tem como objetivo compreender como se efetiva a ação educativa na escola a partir da função do agente escolar e analisar suas especificidades. O objeto e sujeitos deste estudo foram o pesquisador e seu ambiente de trabalho – uma escola de Ensino Fundamental (1º ao 5º anos) na região metropolitana de São Paulo. Trata-se de uma pesquisa de inspiração ação, somada ao instrumental qualitativo das observações de campo e literatura correlata. A coleta de dados foi realizada por observações participante registradas em um diário de itinerâncias, análise de editais de concurso público com a descrição completa da nomenclatura e requisitos específicos que prescrevem e normatizam as ações e o trabalho a ser realizado, tendo como balizadores a análise de editais com as prescrições para o trabalho de mesma natureza em cidades vizinhas àquela onde o agente escolar/pesquisador atua.

Palavras-chave: Ação Educativa. Agente Escolar. Educação Escolar.

ABSTRACT

Based on the premise that the main function of school education is the transmission and assimilation of scientific knowledge, which is carried out collectively by various subjects within the institutional environmental concept expressed in extensive educational literature. This work aims to understand how educational action is implemented in schools based on the role of the school agent and to analyze its specificities. The object and subjects of this study were the researcher and his or her work environment—an elementary school (grades 1-5) in the metropolitan region of São Paulo. This is an action-inspired research project, combined with the qualitative tools of field observations and related literature. Data collection was conducted through participant observations recorded in a travel diary and analysis of public service exam notices, with a full description of the nomenclature and specific requirements that prescribe and standardize the actions and work to be performed. The analysis of notices with prescriptions for similar work in neighboring cities where the school agent/researcher works served as a guide.

Keywords: Educational Action. School Agent. School Education.

RESUMEN

Partiendo del presupuesto de que la función principal de la educación escolar consiste en la transmisión y asimilación del conocimiento científico, que en el ámbito institucional se realiza colectivamente por diversos sujetos, concepción expresada en una vasta literatura educativa. Este trabajo tiene como objetivo comprender cómo se efectúa la acción educativa en la escuela a partir de la función del agente escolar y analizar sus especificidades. El objeto y los sujetos de este estudio fueron el investigador y su entorno laboral: una escuela de Enseñanza Primaria (1° a 5° grados) en la región metropolitana de São Paulo. Se trata de una investigación de inspiración-acción, sumada al instrumental cualitativo de las observaciones de campo y de la literatura correlata. La recolección de datos se realizó mediante observaciones participantes registradas en un diario de itinerancias, análisis de edictos de concurso público con la descripción completa de la nomenclatura y de los requisitos específicos que prescriben y normatizan las acciones y el trabajo a realizar, teniendo como referencia el análisis de edictos con las prescripciones para el mismo tipo de trabajo en ciudades vecinas a aquella donde el agente escolar/investigador actúa.

Palabras clave: Acción Educativa. Agente Escolar. Educación Escolar.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho configura-se como relatório final para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Mogi das Cruzes (UMC), propondo a apresentação e discussão de dados coletados entre agosto/2008 e abril/2009. Tais dados foram coletados para que se pudesse conhecer a “**Ação Educativa do Agente Escolar**”, então, analisados à luz de teóricos que tratam das diversas relações existentes entre Trabalho e Educação, visto que, esta se expressa como uma modalidade de trabalho quando este se mostra totalmente dependente da mesma.

No entanto, essas relações serão apresentadas à partir de algumas categorias de análise selecionadas de modo que permitam o conhecimento de conflitos que permeiam o exercício do trabalho “subalterno” “braçal” no interior da escola pública brasileira.

Sou Diogo Lopes pesquisador e aluno do Curso de Pedagogia da UMC, e exerço a função de Agente Escolar nomeado por concurso público pela Prefeitura Municipal de Suzano desde 2006. No processo de coleta das informações tive algumas dificuldades em encontrar dados teóricos referentes à atuação de trabalhadores como merendeiras, inspetores e os ajudantes, auxiliares e/ou agentes de serviços gerais demonstrando grande indignação, contudo, o que encontrei foram trabalhos que insistem em apresentar professores como agentes escolares, como se fossem os únicos seres dentro das escolas responsáveis pela Educação. Em todo lugar, o serviço “braçal/geral” parece tornar o trabalhador invisível, as escolas “são compostas apenas” de diretores, coordenadores, e, professores.

Entretanto, na escola onde trabalho minha diretora sempre diz que todos somos educadores, então me propus a buscar onde está minha ação educativa quando me vejo nesse espaço, de tantas contradições no que se refere à função da escola impressa em documentos oficiais e em livros e a função da escola enquanto prática de todos os envolvidos no processo educativo.

Assim, o estudo da relação trabalho-educação, segue apoiado nas teorias de Patto, Costa e Saviani, para o qual, as relações entre educação e sociedade, devem ser analisadas de forma que se perceba nestas, as contradições existentes partindo do nosso **objetivo que em geral é compreender como se efetiva a ação educativa na escola, a partir da função do agente escolar** sendo que os **objetivos específicos** são: analisar as especificidades da função do agente escolar considerando-se a caracterização em editais de concursos e em documentos oficiais recentes e discutir a dinâmica de trabalho do agente escolar, a partir do registro da prática cotidiana focando a participação no processo educativo como membro da equipe escolar.

2 METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA – A PESQUISA-AÇÃO NA ABORDAGEM QUALITATIVA

O presente trabalho voltou-se para espaço pedagógico específico do Agente Escolar, envolvendo as manifestações fora da sala de aula, ou seja, horários de recreio, entrada e saída de alunos, movimentação no pátio e demais dependências da escola nas quais a função pôde acompanhar. Com referência em Alves-Mazzotti e Gewandsznajder, (1998, p.147) esta é uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação.

... a principal característica das pesquisas qualitativas é o fato de que estas seguem a tradição “compreensiva” ou interpretativa. Isto significa que, essas pesquisas partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado. (p.131).

A partir dessa caracterização são decorrentes dos estudos qualitativos três características essenciais, a saber: *visão holística*, que parte do pressuposto de que a compreensão das inter-relações num certo contexto é determinante para que se possa compreender o significado de um comportamento ou evento. *A abordagem indutiva* é conseqüente da liberdade do pesquisador em suas observações, pois, dessa forma, as dimensões e categorias de interesse vão emergindo progressivamente ao passo em que ocorre a coleta e análise dos dados, e por fim, a *investigação naturalística*, onde o pesquisador reduz ao mínimo, sua intervenção no contexto observado. (1998:131).

Desse modo, o pesquisador atuou como principal instrumento de investigação, estando em contato prolongado e direto com o campo, no qual buscou captar o sentido ou significado dos comportamentos presenciados, inclusive os do próprio pesquisador.

A pesquisa-ação é definida por Thiollent (2005) como:

... um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (p.16).

Logo, não se pode realizar uma pesquisa-ação sem que haja uma ação por parte das pessoas envolvidas no contexto observado e muito menos se o fenômeno estudado não for problematizado de modo que mereça de fato uma sistematização e investigação criteriosa para sua elaboração e condução (p.17).

A pesquisa desenvolvida visou à produção de idéias que antecipassem o quadro real das relações de trabalho na escola inferindo uma preocupação do pesquisador na busca de novas maneiras para se alcançar o objetivo de utilizar os conhecimentos elaborados e por nós apropriados durante o

processo de pesquisa, de forma que as ações no ambiente investigado contribuam para a transformação da situação, ao passo que denotamos ter condições de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico.

2.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA - CENÁRIO

A investigação é realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (1ª à 4ª séries), situada no município de Suzano na região metropolitana de São Paulo. A instituição tem sua clientela com faixa etária variável, entre 6 e 13 anos, que são moradores dos bairros mais próximos à mesma, num total de aproximadamente 270 alunos, com atividade durante o dia, no horário compreendido entre as 07:00h e 18:00h.

A escola conta com 1 diretora, 1 secretário, 8 professoras, 2 inspetoras, 2 merendeiras e 2 agentes escolares, dos quais o pesquisador é um. Também atuam membros de uma equipe pedagógica itinerante no município, que realizaram, se muito; apenas três ou quatro visitas à unidade escolar em questão, no período de setembro de 2007 a dezembro de 2008, e localiza-se em um bairro periférico que, possui um comércio formado de pequenas lojas, mini-mercados e padarias além de ser bastante populoso e, – como tanto outros – negligenciado por parte da administração pública.

O prédio escolar encontra-se nesse momento em péssimas condições físicas, com salas em madeirite, telhado com goteiras e frestas grandes, muitas escadas, apenas dois banheiros de uso coletivo, sendo um para meninos e outro para meninas, contendo quatro partições com privadas cada um. A cozinha também é pequena, e de igual modo a secretaria, onde funcionam concomitantemente, secretaria, sala de direção, – separada por uma parede de madeira – biblioteca e sala de professores – lugar onde se guarda o material didático de uso dos professores e alunos.

2.3 FONTES DE COLETA DE DADOS

Ocorreram pesquisas, nos sites das fundações Vunesp, Carlos Chagas, Jornal do Concurso e Emprego, Folha Dirigida entre outros, na busca de editais que trouxessem informações de concursos realizados para a função do Agente Escolar, ajudante geral, auxiliar de limpeza, agente de serviços escolares, entre outras nomenclaturas dirigidas à função e outros documentos oficiais nos sites de diversas prefeituras. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998: 169), “considera-se como documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação”.

A coleta de dados também foi realizada por meio de observação, uma vez que é característica dos estudos qualitativos, sendo segundo os autores:

...a observação não estruturada, na qual os comportamentos a serem observados não são predeterminados, eles são observados e relatados da forma como ocorrem, visando descrever e compreender o que está ocorrendo numa dada situação. (p.166).

As observações foram registradas em um Diário de Campo ou Itinerância que segundo Barbier (2002) é um instrumento metodológico de investigação de si na relação com o objeto da pesquisa e pode ser definido inicialmente como:

Bloco de apontamentos no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida. (p. 133).

As observações ocorreram em períodos diversos da rotina diária como, entrada de alunos, intervalos ou recreios, saída de alunos, e em algumas horas que antecedem ou sucedem estas. Os registros no Diário de Campo eram ora realizados no próprio local de investigação, ora fora deste, como na casa do observador, por exemplo, contendo as datas e horários de ocorrência das observações.

2.4 PROPOSTA DE ANÁLISE DE DADOS

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder(1998):

À medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando tantativamente identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de “sintonia fina” que vai até a análise final. (...) desenvolvida durante toda a investigação, através de teorizações progressivas em um processo interativo com a coleta de dados (p.170-171).

Os dados coletados por meio das diferentes fontes foram organizados a partir de critérios que permitiram delimitar eixos de análise vinculados aos objetivos estabelecidos pelo projeto, isto é, as categorias de análise utilizadas com base no Referencial Teórico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 AGENTE ESCOLAR: CARACTERÍSTICAS TÉCNICO-PEDAGÓGICAS

Sabemos que o termo **agente escolar** é utilizado para caracterizar algo ou alguém que **age na escola**, tal ação, é ao mesmo tempo material e não-material, é intencional, cotidiana e espontânea, pois é atividade genérica com ou sem motivos particulares, como nos aponta Heller (1992:21):

Também o genérico está “contido” em todo homem e, mais precisamente, em toda atividade que tenha caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares. Assim, por exemplo, o trabalho tem frequentemente motivações particulares, mas a atividade do trabalho – quando se trata de trabalho efetivo (isto é, socialmente necessário) – é sempre atividade do gênero humano.

Daí podemos inferir que o trabalho de limpeza, organização e manutenção de um prédio escolar, é de fato um trabalho socialmente necessário, isto é, útil à sociedade e podemos retomar aqui **o objetivo**

geral desse trabalho que está em **compreender como se objetiva a ação educativa a partir da função do agente escolar.**

Minha proposta de pesquisa é bastante específica,

simples e clara em sua formulação: a escola pública é um *local de trabalho* que, por sua *finalidade* e por sua *natureza peculiar*, supõe critérios especiais de organização. Tais critérios devem ser estabelecidos a partir das *características do trabalho que ali se desenvolve*. Esta pesquisa (grifo meu), simples em sua formulação, revela-se, certamente, bastante complexa aos que, admitindo-a, pretendem promover sua materialização. Organizar o trabalho nas escolas públicas brasileiras hoje [...], implica, para além das dificuldades de ordem político-material, retomar e reanalisar todo um conjunto de conceitos e de significações que mais têm prejudicado do que favorecido o entendimento necessário acerca das condições concretas em que a escola pública se realiza. (Silva Júnior, 1995. p.21).

Desse modo, me lanço a proferir o seguinte questionamento: Se o Agente Escolar, o faxineiro ou ajudante geral, é um educador, qual é de fato sua ação educativa? Acredito que a partir de tal indagação podemos procurar as respostas que queremos seguindo os caminhos apontados pelos objetivos específicos que seguem:

3.2 ANÁLISE DAS ESPECIFICIDADES DA FUNÇÃO DO AGENTE ESCOLAR

As especificidades dessa função estão presentes nos editais de concursos públicos das redes municipais de ensino, em que temos como objeto de análise os eixos relativos à nomenclatura da função/cargo, escolaridade exigida para o exercício da mesma e as características específicas e inerentes ao trabalho descritas no decorrer do texto por meio de tabelas¹ e suas análises.

Tabela 1. Nomenclatura

Prefeitura (Cidade)	Função
Flórida Paulista	Ajudante geral
Mogi das Cruzes	Ajudante geral
Pindamonhangaba	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudante (obras/geral) • Assistente de serviços gerais
Poá	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudante Geral • Auxiliar de serviços gerais • Auxiliar de serviço escolar
Ribeirão Pires	Agente Escolar
São Paulo	Agente de apoio I (serviços gerais)
Suzano	Agente Escolar I

Fonte: o autor.

Vemos na tabela acima, que os serviços gerais, são apresentados nos editais como funções ou cargos secundários, ao explicitarem a idéia de que o trabalhador será simplesmente um ajudante,

¹ Todas as tabelas contendo descrição das características específicas e informações referentes aos dados correlatos à função de agente escolar analisados e presentes nos editais de concurso público utilizados na comparação ao edital da prefeitura da qual o pesquisador foi servidor no momento da pesquisa, foram feitas e inseridas pelo próprio pesquisador.

auxiliar, um assistente, o que evidencia a presença de um outro “profissional” como o principal cumpridor das tarefas realizadas no local de trabalho. A esse tipo de tratamento damos o nome de dissimulação, pois o “ajudante” na verdade é o principal executor das tarefas.

No entanto, o que se vê é que esse nome permite sem qualquer esforço, a invisibilidade e humilhação social, de modo que o trabalhador muitas vezes não se sente à vontade para declarar a profissão que exerce, ciente de que a sociedade é sim preconceituosa e seletiva e que segundo Heller (1992) “rotula o que tem diante de si e o enquadra em uma estereotipia de grupo” que o rebaixa e o faz sofrer o desprezo social.

Esse preconceito se mostra ainda maior, quando o segmento de trabalho tem algum tipo de classificação, levando o complemento “I” à frente do nome, pois nos leva a crer que a humilhação social já marca o indivíduo antes mesmo da ocupação do cargo e de modo bastante sutil, porque ninguém imagina que o indicador “I” à frente da função pode ter relação direta com o “menor, pior, inferior”, pois nessa sociedade criou-se o hábito de classificar o “belo, bom, melhor, superior” de forma crescente, sem contar que normalmente as pessoas foram “adestradas” a ver o ajudante geral somente como faxineiro, lavador de banheiros e de locais sujos.

Tabela 2. Escolaridade

Prefeitura (Cidade)	Escolaridade
Flórida Paulista	Ensino fundamental incompleto
Mogi das Cruzes	Ensino fundamental incompleto
Pindamonhangaba	1º grau incompleto (4ª série)
Poá	<ul style="list-style-type: none">• Ensino fundamental incompleto• Ensino fund. Incompl. (4ª série)• Ensino fundamental completo
Ribeirão Pires	Alfabetizado
São Paulo	Ensino Fundamental Completo
Suzano	Ensino Fundamental Completo

Fonte: o autor.

De acordo com o disposto no quadro, percebemos que o requisito mínimo para se exercer a função de agente escolar/ ajudante geral é possuir o Ensino fundamental poucas vezes completo, e na maioria destas, incompleto chegando em alguns casos a exigirem simplesmente que o candidato ao emprego público seja alfabetizado.

Esses requisitos são grandes indicadores da dominação política que o trabalhador, “alfabetizado, mal escolarizado, humilhado” sofre por se curvar à hegemonia das classes dominantes. A despeito disso Gramsci in Aranha (1996), diz:

Uma classe é hegemônica não só quando exerce a dominação pelo poder coercitivo, mas também quando o faz pelo consenso, pela persuasão. Essa tarefa cabe aos intelectuais, que elaboram um sistema convincente de idéias pelas quais conquista a adesão até da classe dominada. Basta constatar que a escola burguesa é classista. Além de preparar seus intelectuais, infiltra-se nas

classes populares para cooptar os melhores elementos, que, assimilados, passam a aderir aos valores burgueses. Ora, a classe dominada, por sua vez, sem conseguir organizar sua própria visão de mundo, permanece desestruturada e passiva, e por isso as eventuais rebeliões se tornam ineficazes. (p.175).

Infelizmente, muitos trabalhadores “braçais” não só, mas principalmente no âmbito escolar tem se conformado com a condição de “miseráveis” diante das classes dominantes. Essa idéia fica bastante clara quando vemos em Silva (2002: 35-40), que há pessoas que não dão o mínimo valor à escolarização e, conseqüentemente, à Educação, uma vez que alguém ousa dizer que o trabalho vale tanto ou mais que o sistema de ensino, dispensando a aprendizagem oriunda da escolarização afirmando que esta não assegura competência e que os altos níveis de escolaridade não corresponde ao saber e nem a atualização do mesmo.

O argumento acima é confirmado pelos resultados oriundos das pesquisas que João Monlevade realizou e tornou público in (Brasil. Mec, 2004: 16-7) quando diz que

num país como o Brasil, onde os direitos que fazem referência à igualdade, como educação, saúde, moradia, alimentação e trabalho, não lograram ser garantidos no cotidiano da vida e das relações sociais, soa-nos estranho delegar a “auxiliares de serviços gerais” funções eminentemente educativas, ou a intervenção nos processos pedagógicos e decisórios da escola, ou mesmo as competências para dirigi-la.

As gerações que freqüentaram as carteiras escolares até agora se acostumaram a ver esses auxiliares apenas varrendo, lavando, cozinhando, vigiando, anotando, sem maiores participações no processo educativo.

Assim, inferimos que o trecho “*soa-nos estranho delegar a “auxiliares de serviços gerais” funções eminentemente educativas, ou a intervenção nos processos pedagógicos e decisórios da escola, ou mesmo as competências para dirigi-la*” é o “selo de garantia” da desqualificação dos trabalhadores braçais enquanto educadores.

Provavelmente tal desqualificação vem justificada pelo nível de escolaridade expresso nos editais analisados, que mostram o ajudante geral/agente escolar como um ser desprovido de conhecimento, portanto, incapaz de ensinar, reduzindo suas experiências ao senso comum, ao saber fragmentado e cultura popular.

A escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado. [...]; não se trata, pois, de qualquer tipo de saber. Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular. (Saviani. 2008. p.14)

De acordo com a citação acima, a idéia de que todos os trabalhadores de uma escola são educadores é contraditória quando se vê num edital de concurso público que a escolaridade exigida para trabalhar na instituição – mesmo que na função de ajudante geral – se reduz ao ensino elementar,

incompleto e, portanto, insuficiente para que esse ajudante consiga promover a ascensão dos usuários da mesma à cultura letrada, elaborada, erudita.

Tabela 3. Características específicas

Prefeitura (cidade)	Caracterização	C. H (sem.)	Salário (R\$)
Flórida Paulista	* Varrição de superfícies diversas; *Carregamento e descarregamento de terra, areia e entulhos em caminhões; * Conservação de ferramentas diversas; * Carregamento, empilhamento de tijolos, blocos, telhas; Limpeza de veículos e máquinas.	40 horas	579,26
Mogi das Cruzes	* Realizar serviços gerais de limpeza, preparação seletiva de materiais e entulhos, carga e descarga; * Auxiliar nos serviços de manutenção em obras e jardinagem; *Auxiliar nas obras e construções da fundação; *; Realizar serviços gerais em oficina mecânica automotiva, elétrica predial e auto elétricas, limpeza e conservação de estradas, ruas e avenidas pavimentadas e não-pavimentadas.	44 horas	770,88
Pindamonhangaba	*Executar tarefas gerais de limpeza, conservação, arrumação e outros.	40 horas	530,25
	*Executar limpeza e conservação do local de trabalho; *Executar preparo e distribuição de merendas e alimentação em escolas e creches municipais.	40 horas	530,25
Poá	* Auxilia o carpinteiro, eletricista, encanador, funileiro, marceneiro, mecânico, pedreiro e o soldador no desempenho de seu trabalho.	40 horas	317,95
	* Executa serviços em diversas áreas da organização e de natureza operacional em obras públicas, conservação de cemitérios e manutenção dos próprios municipais e tarefas correlatas determinadas pelo superior imediato.	40 horas	317,95
	* Prepara e distribui refeições, selecionando os ingredientes necessários, observando a higiene e conservação dos mesmos. * Executa outras tarefas correlatas determinadas pelo superior imediato.	40 horas	317,95
Ribeirão Pires	*Manutenção da infra-estrutura escolar; * Limpar e conservar o local de trabalho.	40 horas	465,00
São Paulo	*Racionalização do trabalho; *Seleção e organização das atividades:Ergonomia aplicada ao trabalho. (As técnicas de uso, limpeza, conservação, utilização e guarda dos materiais, equipamentos, estrutura física, produtos de limpeza; ferramentas, instrumentos e equipamentos peculiares ao trabalho).	40 horas	440,27
Suzano	*Manutenção da infra-estrutura escolar (limpeza, conservação e guarda de instalações, materiais e equipamentos);Carregar e descarregar materiais de consumo ou permanentes; Auxiliar, sempre que necessário, em outros setores da Unidade Escolar; * Colaborar, eventualmente, no cuidado direto com a criança; Comparecer às reuniões da escola ou da Secretaria Municipal de Educação sempre que solicitado e comparecer a processos de formação sempre que convocado;	40 horas	627,14

Fonte: o autor

Qual seria o homem estudado, graduado, portador de um certificado ou diploma de nível superior, capaz de se sujeitar à limpeza da sujeira dos outros? Qual homem qualificado por um curso universitário ou até mesmo de nível médio se prestaria ao serviço braçal, quando há a possibilidade de ser servido, de ter “suas sujeiras limpas”, de ter quem faça os serviços “pesados”? Quem aceitaria após anos de estudo – após apropriar-se do saber elaborado que propicia a ascensão social – trabalhar 40 horas semanais, por um salário baixo e injusto se relacionado com as características do trabalho (tarefas a realizar), explicitas no quadro acima?

São perguntas como essas que me move a dizer que me sujeitei – como muitas outras pessoas em todo nosso país o faz a cada dia – ao trabalho “subalterno”, porque queria ter um emprego garantido, fixo, que me permitisse gozar de estabilidade. Claro que havia outras opções de trabalho, mas me preocupei em garantir um emprego público e a maior possibilidade estava na função denominada Agente Escolar I, eram 118 vagas, na leitura do edital soube que teria de limpar a sujeira dos outros, sabia que estaria no nível mais baixo na hierarquia das funções executadas na escola.

Mas não me importei, queria um “bom” emprego já que possuía as “qualificações” necessárias para o exercício da função, afinal, *sou pobre, negro e tenho força física suficiente para a realização do trabalho braçal*, além de estar disposto a trocá-la por um salário que considerava “bom”, tendo em vista que o salário base do ano de 2006, (ano de publicação dos Editais de Flórida Paulista, Mogi das Cruzes, Poá, São Paulo e Suzano), a partir da **Lei nº 11.321, DE 7 DE JULHO DE 2006**, passou de R\$ 300,00 para R\$ 350,00.

Podemos então perceber, que na verdade, o salário é realmente o fator determinante para que as pessoas se sujeitem a esse tipo de trabalho quando se tem uma formação mais sólida em relação à exigência presente nos editais.

Desse modo, vemos que os três eixos aqui analisados – nomenclatura, escolaridade e características específicas da função – são permeados de fatores que direta e/ou indiretamente contribuem para a “doença social” que acomete o indivíduo que se presta ao trabalho subalterno, que passa então a ser coisificado, humilhado e por fim, invisível.

3.3 O TRABALHO E A ESCOLA: CONCEPÇÕES E DINÂMICA DE TRABALHO

3.3.1 O Trabalho na Escola

Segundo Silva Júnior (1995:26) “o trabalho refere-se sempre “aos outros” e, como tal, cabe-me comprá-lo quando dele necessito ou vendê-lo quando outros necessitam do meu trabalho”.

Na realidade o que vendemos não é o próprio trabalho, mas a capacidade de realizá-lo, isto é, a “força de trabalho” isto é, a capacidade humana de executá-lo. (idem).

O trabalho é uma atividade tipicamente humana, que ao ser executado tem o “poder” de transformar tudo à sua volta, é sempre uma ação planejada, tornando-se “uma das mediações fundamentais da existência humana”. (Severino. 1994)

A estreita relação entre Educação e trabalho se justifica pelo fato de a Educação se constitui em si própria uma forma de trabalho, pois por meio do fenômeno ou ato educativo ela torna possível ao homem, sua elevação da cultura popular para a cultura letrada e conseqüentemente para sua humanização.

Com efeito, não cabe conceber as relações de trabalho no âmbito educacional, sob a ótica da produtividade e não produtividade, uma vez que mesmo o trabalho em educação pode gerar mais-valia, e sim sob os aspectos de trabalho *material* e não material. A partir dessa distinção do trabalho em educação pode-se constatar que o trabalho não material não está diretamente relacionado ao modo de produção capitalista.

Para melhor definição e entendimento das categorias de trabalho acima mencionadas, recorro assim como Saviani (1984: 80-1) o fez, ao “Capítulo VI inédito”, como apoio para se pensar no problema da definição.

No caso da produção não material, ainda que esta se efetue exclusivamente para a troca e produza mercadorias, existem duas possibilidades:

a) O resultado são mercadorias que existem isoladamente em relação ao produtor, ou seja, que podem circular como mercadorias no intervalo entre a produção e o consumo; por exemplo: livros, quadros, todos os produtos artísticos que se diferenciam da atividade artística do artista executante. *A produção capitalista só se aplica aqui em forma muito limitada* (grifo meu). Essas pessoas, sempre que não se contratem oficiais etc., na qualidade de escultores etc., comumente (salvo se forem autônomos) trabalham para um capital comercial, como, por exemplo, livreiros, uma relação que constitui apenas uma forma de transição para o *modo de produção apenas formalmente capitalista*. Que nessas formas de transição a exploração do trabalho alcance um grau superlativo, não altera a essência do problema.

b) O produto não é separável do ato de produção. Aqui, também, o modo capitalista de produção só tem lugar de maneira limitada, e *pela própria natureza da coisa* (grifo meu) não se dá senão em algumas esferas. (Necessito do *médico*, não de seu moleque de recados.) Nas instituições de ensino, por exemplo, os docentes podem ser meros assalariados para o empresário da fábrica de conhecimentos. Não se deve considerar o mesmo para o conjunto da produção capitalista. (Marx, 1978. p. 79)

Severino afirma ainda que

Assim, tanto o trabalho é necessário para humanizar os indivíduos, como pode também degradá-los, desumanizá-los, fazendo com que percam sua especificidade humana [...] dependendo das condições em que é realizado histórica e concretamente. Portanto, não seremos plenamente humanos se não pudermos trabalhar, ou seja, se não pudermos retirar da natureza tudo aquilo que necessitamos para suprir a nossa existência material. (1994. p.59).

O autor reforça o que afirma dizendo que a partir do momento em que o trabalho degrada e desumaniza o homem, ele torna-se então alienado e alienante. Que esvazia o indivíduo de sua própria

identidade. Ele trabalha na escola, mas não se sente parte dela, trabalha com crianças, mas prefere sempre se manter alheio a estas, o ato do trabalho não passa mais pelo pensamento, vira ato mecânico.

Terminei o serviço nessa sala tarde, já eram **12h45**, abri a porta e saí correndo pra sala 2, com vassoura, pá e rádio nas mãos, ainda bem que lá é mais amplo e facilita o trabalho de movimentação das carteiras, estava apressado porque “perdi” tempo com a Rosângela no início. Minha companheira Mara, estava na última sala, e provavelmente já terminando. (R. A.². nº 05; 26/08)

Na verdade, essa mecanicidade, tem no espaço de trabalho um outro nome, ela é tida como Rotina, e seguida todos os dias. A fim de não torná-la pesada, fatigante e monótona, há a companhia do rádio como se vê no diário de campo em diversos relatos:

12h03 – Entro na primeira sala de aula, na mão direita trago uma vassoura grande e uma pazinha, na esquerda tenho um rádio que acabei de pegar na secretaria para ouvir música enquanto trabalho, faço isso sempre. Então ligo o rádio e sintonizo-o na rádio Nova Brasil, minha preferida, só música brasileira... me prendo às músicas e canto junto com o rádio, por isso o sentimento é praticamente inevitável, me incomodo bastante com a desordem das carteiras que organizo todos os dias, e com a sujeira da sala e das carteiras, pois as lavei a menos de quinze dias, enquanto estavam em recesso escolar. (R. A. nº 01; 31/07)

Subi as escadas que ligam o pátio ao corredor, encostei meus instrumentos na parede da sala e me dirigi até a secretaria onde peguei o rádio que ouço na sala de aula enquanto varro. (R. A. nº 05; 26/08)

Eu fiz o mesmo e fui até a secretaria, peguei um rádio, levei para a sala pra ouvir música, o que fiz até terminar de varrer as salas 1 e 2, e organizar suas carteiras da forma como as professoras gostam, em duplas. (R. A. nº 07; 23/09)

Trabalhei ouvindo música, quando terminei uma sala, retirei o rádio da tomada e junto com meus instrumentos de trabalho, o levei para a sala seguinte, ligando-o novamente e continuando meu afazer. (R. A. nº 11; 23/10).

O fato é que a música, o rádio, o som aqui é utilizado para esconder a solidão do trabalho, a invisibilidade desse trabalho que é realizado todos os dias sem que as pessoas o vejam, sobretudo, as que utilizam os espaços arejados, as carteiras e cadeiras limpas e organizadas.

A rotina, a mecanicidade está impregnada no indivíduo de modo que o seu trabalho assume papel de destaque na vida desse trabalhador, passando a integrá-lo e a acompanhá-lo em todo o tempo, isto é, pus o trabalho como prioridade máxima, a fim de não ser chamado à atenção.

07h26 – Cheguei na escola mais cedo, pois minha companheira de trabalho Mara, não viria no seu horário normal hoje por ter que ir ao médico. Como já havia me avisado, achei melhor vir cedo para garantir a limpeza da escola antes que as crianças saíssem pro intervalo e que a diretora chegasse, e foi o que fiz... (R. A. nº 06; 04/09/08)

² As siglas R. A. presentes no corpo do trabalho, referem-se ao nome *Relato Ampliado* – nome dado aos registros de observação em campo no diário de itinerância.

Os exemplos citados acima revelam o que é de fato a alienação, a marginalização. De acordo com Severino (1994:59)

Quando o trabalho degrada, desumaniza, ele é um trabalho alienado e alienante, ou seja, leva o indivíduo à perda de sua identidade, de sua própria essência. Nessa situação, o indivíduo é reduzido à simples condição de animal ou de máquina, perdendo toda a sua especificidade humana.

O autor salienta ainda que a alienação pode ocorrer no trabalho assalariado, de maneira que o salário, muitas vezes, nem chega a repor as energias gastas pelo indivíduo no exercício de sua atividade produtiva.

3.3.2 Servidores Descartáveis

A partir do momento em que o trabalhador mediante sua atividade de trabalho se mostra alienado, automaticamente, todos ao seu redor o simplificam ainda mais, pois, uma vez que o trabalho que ele realiza fomenta as condições geradoras da alienação, as consequências mais visíveis são: a *humilhação, a invisibilidade e a coisificação*.

A alienação, leva o indivíduo a sofrer o preconceito e este o leva a ser um humilhado na sociedade em que está inserido. A respeito dessa afirmação Gonçalves Filho in Patto (2000), salienta que:

A humilhação social conhece, em seu mecanismo, determinações econômicas e inconscientes. Devemos propô-la como uma modalidade de angústia disparada pelo enigma da desigualdade de classes. Como tal, trata-se de um fenômeno ao mesmo psicológico e político. O humilhado atravessa uma situação de impedimento para sua humanidade, uma situação reconhecível nele mesmo – em seu corpo e gestos, em sua imaginação e em sua voz – e também reconhecível em seu mundo – em seu trabalho e em seu bairro.

Ao sentir o peso da humilhação contida no trabalho que realizo na escola, passei a questionar, ou reclamar das seguintes situações

Me sinto afrontado, o que fazem as professoras que não vêem seus alunos rabiscando carteiras e jogando papel no chão? (brincadeira, hein!) (R. A. n° 01; 31/07/08)

[...]lavei o banheiro masculino, que por sinal estava muito fedorento... a urina dos meninos é muito forte e eles não dão descarga no banheiro de jeito nenhum, às vezes tranco o banheiro pra impedir esse tipo de coisa... são as crianças da tarde, eles geralmente usam na saída enquanto estou fechando as salas. (R. A. n° 06; 04/09/08)

Essas crianças estão muito folgadas mesmo “Fulana”! Eu já estou cheio de limpar essas mesas toda semana, eles vêem que tá tudo limpo e sentem prazer em riscar, Vou começar a deixar mais tempo sujo pra ver se eles vão gostar de usar o material com o espaço sujo...(R.A. n° 14; 13/11/08)

Essas situações, embalam desabafos que me atravessam a garganta para retrucar às ordens, aos afazeres, ao bom tratamento que dou às crianças por intermédio da realização e execução do meu serviço. Tenho vontade de colocar nas mãos deles e dos demais funcionários, um contrato de colaboração com o trabalho dos outros, pondo-se no lugar daquele funcionário que tanto “ajuda” e que por ninguém é ajudado.

Estou farto de ser tratado com leviandade, de ser utilizado como um objeto descartável, como no dia em que acompanhei – a pedido da diretora – a quarta série até a secretaria de Trânsito do Município, onde tiveram uma tarde de aula sob a temática Educação para o trânsito.

Bom, o ônibus chegou, contamos as crianças que embarcaram, colocamos em cada uma um crachá com o nome do aluno e a da professora, que inclusive ajudei a preparar antes de sairmos, e fomos, cantarolando várias musiquetas infantis no ônibus. Chegando lá, alguns monitores se apresentaram, guardas de trânsito também e ao dividirem a turma de 38 alunos em três grupos, nos levaram para conhecer os assuntos tratados, sendo falado sobre as leis que regularizam o trânsito na cidade e os tipos de infrações e multas, sinalização vertical, horizontal, sonora e sem sons, a segurança dos automóveis e passageiros e pedestres, a direção defensiva, entre outros itens que constavam do programa preparado, mas pouco aprofundado pelo fato de termos chegado atrasados em quase 1 hora. (R. A. nº 11; 23/10/08)

Nesse dia, eu estava “bom” pra utilização, podia ajudar, podia deixar meu real trabalho todo para a minha colega de serviço, e atender às necessidades da direção da escola, pois a turma que ia ao passeio, não tem um bom histórico de comportamento, então, caso dessem problema pra alguém, que fosse a mim e à professora deles.

O trabalho e sua execução é fácil, dinâmico, embora repetitivo, rotineiro, o que me machuca é ver que as crianças e os próprios adultos – professores, inspetores, diretor e demais funcionários- já se esqueceram que é ser ajudante geral, não é ser burro de cargas e muito menos uma coisa ou um “Zé Ninguém”, não vêem que por detrás da vassoura, do rodo, dos panos sujos, há pessoas que fazem de tudo para não sentirem o mau cheiro dos banheiros, que por tirarem pó dos móveis e jogar água no chão, os livram de sofrer irritações nasais ou nos olhos.

Eu só pareço existir como pessoa quando precisam que eu fique na sala de aula para cobrir a falta de um professor, quando precisam de favores pessoais, quando fazem alguma sujeira ou precisam usar algo ou algum lugar sujo. Pelo contrário, nem pensam, me excluem.

A exclusão política fabrica sintomas, infestando o afeto, o raciocínio, a ação e o corpo do *homem humilhado*. Assume poder nefasto: ao mesmo tempo em que molda a subjetividade do indivíduo pobre, caracterizando-o muitas vezes como um ser que não pode *criar* mas que deve *repetir*, esvazia-o das condições que lhe possibilitariam transcender uma compreensão imediata e estática da realidade. (Costa. 2004. p.62)

A partir dessa exclusão gerada inicialmente por um preconceito contra a função do Agente ou ajudante geral, o trabalho se encarregou por suas próprias condições da alienação do indivíduo que

passou a ser humilhado publicamente, de modo que juntamente com sua função, ficou invisível, reificado,

O trabalho reificado não aparece por suas qualidades, trabalho concreto, mas como trabalho abstrato, trabalho para ser vendido. A sociedade que vive à custa desse mecanismo produz e reproduz, perpetua e apresenta relações sociais como relações entre coisas. O homem fica apagado, é mantido à sombra. Todo o tempo, fica prejudicada a consciência de que a relação entre mercadorias (e a relação entre cargos) é, antes de tudo uma relação entre pessoas. (Costa. 2004. p.64)

O resultado do esquecimento de que o Agente Escolar vive, fala, pensa e tem sentimentos está explícito no seguinte trecho, retirado do Relato Ampliado nº 06, escrito no dia 04/09/08, numa quinta-feira.

chegou a Diretora, nos cumprimentou e foi para a secretaria, passados aproximadamente 10 minutos, ela vem pro pátio [...] e, referindo-se a mim na frente de todos diz: ‘Olha aqui Diogo, essa toalhinha está caída atrás da minha cadeira há três dias, sinal que nenhum dia dessa semana você limpo minha sala!’ jogou a toalhinha na minha mão e voltou para a secretaria, na hora minha “cara caiu”, fiquei morto de vergonha e comentei com as meninas que agora estavam mudas: ‘Gente, eu limpei a sala dela hoje com veja, ontem passei pano no chão, e eu não vi a toalhinha!’ minha voz já estava trêmula, continuei: ‘O que custava ela chegar em mim num canto e me perguntar se eu tinha limpado a sala dela?’ ‘Ela sabe que sou só eu que faço lá em cima, porque tem que falar na frente de todo mundo?’ Esse “eu que faço lá em cima” se dá porque quando a Mara chega ela faz o serviço prioritário, que é limpar os banheiros, e como a diretora sempre chega após as 09h30, ou 10h00, que é um horário que eu já estou na escola, então eu limpo lá na secretaria... só fiquei triste porque a abordagem dela foi humilhante...

Depois dizem que somos educadores – onde? Não temos as chances que dizem que temos, não somos tratados como mostram que somos, os documentos oficiais, as falas dos diretores e dos dominantes são discursos ensaiados, objetivos e frios.

A respeito da nossa real participação no processo educativo Monlevade diz que deveria ser igualitária, justa, que nós “os de cargo rebaixado” deveríamos aprender nas escolas para termos a oportunidade de ensinar de cumprir efetivamente o papel de educador que até hoje não temos.

Esses funcionários, outrora identificados por nomenclaturas diversas – serviçais, servidores, auxiliares – e, principalmente, por exercerem o papel de meros cumpridores de tarefas, são chamados agora para uma nova missão, em face das profundas e radicais transformações por que passam a sociedade e a escola.

Hoje, com a progressiva expansão da escolarização, percebe-se que, mais do que ser instruída por professores, a população precisa ser educada por educadores, compreendendo-se que todos os que têm presença permanente no ambiente escolar, em contato com os estudantes, são educadores, independentemente da função que exerçam. (Brasil. MEC, 2004:16)

É para que possam enxergar-nos como pessoas capazes de educar com o nosso trabalho, educar de verdade, para, com e pelo exemplo, que me manifesto com a elaboração desse trabalho, não aceito a condição de humilhação e invisibilidade que o preconceito contra essa função me impõe, e por isso que me intrometo “na sala da casa grande” e me faço ver por todos seus habitantes, não consigo e nem

quero mais viver na sombra e/ou como sombra dos outros. Eu penso, logo, existo, e existindo preciso ser visto, conhecido, preciso de luz.

A despeito da opção de ser visto, é possível verificar nos dados obtidos e dos meus registros, que mesmo na condição de ajudante geral e/ou faxineiro, sempre busquei participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem, direta e indiretamente, pois, além de realizar meu trabalho – técnico e material – ao limpar, varrer, lavar e executar outras tarefas, participo diretamente de ações educativas, isto é, por meio do trabalho intelectual – científico, não-material – ao ajudar os professores em sala de aula, elaborar projetos para as turmas, preparar atividades, auxiliar os professores nas atividades direcionadas para grupos em sala e fora dela, ao se envolver diretamente com o trabalho dentro da sala de aula, inclusive ao passar nas salas pedindo e cobrando a colaboração e valorização do trabalho técnico realizado fora da sala, que os permite usufruir do ambiente escolar dignamente.

Ao tomar essas atitudes, tentei me expor de um modo diferente do que aquele que todos estão acostumados a ver, ou seja, o foco mudou, a visão de todas as pessoas que me olhavam de modo preconceituoso, pois agora estava refutando os juízos provisórios dessas pessoas e chamando para si a atenção delas.

Na verdade, trata-se de um “jogo” de luz e sombras, como nos mostra o trecho escrito no prefácio do trabalho de Costa (2004) pelo seu Professor José Carlos M. G. Filho que diz:

A distribuição da luz e das sombras sobre objetos, ambientes, corpos, não é coisa que deveríamos tomar meramente como coisa física, o corriqueiro espetáculo de como o sol ou a lâmpada faz figurar certos lados, deixando outros sob penumbra, arquitetando o que vai brilhar e o que ficará escuro. A iluminação é coisa também social. O que vemos e o que deixamos de ver, o regime de nossa atenção, é decidido segundo o modo como fomos colocados em companhia dos outros, [...].

Variando o modo como caímos na cidade e voltamos a cair, como nos pomos e nos recompomos em sociedade, de pé ou de joelhos, prostrados ou revoltados, quietos e inquietos, nossa atenção só vem ver o que é para ser oficialmente visto, vem só ver e ouvir o que está autorizado ou vem reparar nas coisas e nos seres das margens e de meia-luz. (p.18)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo o que vimos anteriormente, inferimos que o Agente Escolar realiza diversas ações Educativas em seu contexto e local de trabalho. Tais ações estão muitas vezes expostas à vista das pessoas, da sociedade, da comunidade escolar e muitas outras vezes parecem não estar por talvez não terem sido iluminadas ainda ou simplesmente por estarem na situação de marginalização e recebendo por isso meia-luz.

Por isso, afirmo que o ato de limpar, lavar, varrer e servir é significativo também na vida de quem o executa, especialmente na minha vida, pois me sinto mais útil e desse modo, não me junto aos muitos trabalhadores braçais que se envergonha de dizer o que fazem, ou que não têm coragem de mostrar seus trabalhos, pois aprendi que essa função está no âmbito das funções vitais para

funcionamento de uma Unidade Escolar, meu trabalho é importante e tem grande impacto na vida das crianças que estão dentro do ambiente escolar.

Diante da afirmação acima e dos questionamentos apontados no corpo desse trabalho, cabe ressaltar que a declaração do MEC no parágrafo anterior nos mostra mais uma vez que, em todos esses séculos de Educação, avançamos muito pouco, haja visto que a sociedade atual ainda prefere acreditar que efetivamente o acesso ao conhecimento é uma questão de predestinação e se prestam à marcação que humilha, rotula, estereotipa e infelizmente a faz “feliz”.

Um trecho da música **Admirável Gado Novo**, do cantor brasileiro Zé Ramalho é totalmente cabível à situação que vivemos desde que houve pela primeira vez a divisão técnica do trabalho, vejamos:

Vocês que fazem parte dessa massa / Que passa nos projetos do futuro / É duro tanto ter que caminhar / E dar muito mais do que receber / E ter que demonstrar sua coragem / À margem do que possa parecer / E ver que toda essa engrenagem / Já sente a ferrugem lhe comer / Êh, oô, vida de gado / Povo marcado / Êh, povo feliz! [...] O povo foge da ignorância / Apesar de viver tão perto dela / E sonham com melhores tempos idos / Contemplam esta vida numa cela / Esperam nova possibilidade / De verem esse mundo se acabar / A arca de Noé, o dirigível, / Não voam, nem se pode flutuar / Êh, oô, vida de gado / Povo marcado / Êh, povo feliz!

Esse trecho nos leva a refletir sobre a visão que a sociedade burguesa/capitalista tem e faz das camadas populares, visão que a impregnou um preconceito histórico para com os trabalhadores que atuam na categoria dos serviços gerais e que por isso, passam a ser vistos apenas como trabalhadores braçais, tarefeiros e sem qualquer competência para o desenvolvimento de ações pedagógicas, são marcados e felizes.

Encerro estas considerações dizendo que não posso concluir um trabalho onde vislumbro ainda as possibilidades de ser considerado um agente de transformação e de sanar a seguinte dúvida: Como o Agente Escolar, ajudante geral ou assistente de serviços de apoio participa efetivamente do processo de construção do conhecimento se ninguém o vê?



REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. A. (1996). História da Educação. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, p.175.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Por uma política de valorização dos trabalhadores em educação: em cena, os funcionários de escola. Brasília: MEC/ SEB, 2004.
- CORTELLA, M. S. (2006). A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. 10. ed. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire.
- GADOTTI, M. (1993). Organização do Trabalho na Escola: alguns pressupostos São Paulo: Ática, pp. 75-80.
- HELLER, A. (1992). O Cotidiano e a História. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 17-63.
- PARO, V. H. (2001). Escritos sobre Educação. 1. ed. São Paulo: Xamã, pp. 91-99.
- _____. (2007). Qualidade do Ensino: a contribuição dos pais. 3. reimpressão. São Paulo: Xamã, pp. 9-17.
- PATTO, M. H. S. (2000). Mutações do Cativo: escritos de psicologia e política. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, pp. 187-221.
- RIOS, T. A. (2006). Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. 6. ed. São Paulo: Cortez.
- SAVIANI, D. (2008). Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 10. ed. Ver., Campinas, SP: Autores Associados
- _____. (1984). Ensino Público e algumas falas sobre Universidade. São Paulo, Cortez/Autores Associados.
- SEVERINO, A. J. (1994). Filosofia da Educação: construindo a cidadania. São Paulo: FTD.
- SILVA JÚNIOR, C. A. (1995). Escola Pública como local de Trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez.
- THIOLLENT M. (2005). Metodologia da pesquisa ação. 14. ed. aum. São Paulo: Cortez.